

## A PERCEPÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DE UMA MATERNIDADE SOBRE O ESTIGMA SOFRIDO PELA MÃE USUÁRIA DE DROGAS DURANTE A INTERNAÇÃO

**BRUNA HELENA PEREIRA<sup>1</sup>; POLIANA FARIAS ALVES<sup>2</sup>; CAMILA LUFT<sup>3</sup>;  
CAROLINA GOMES DE ALMEIDA<sup>4</sup>; SILVANA FONSECA TIMM<sup>5</sup>; MICHELE  
MANDAGARA DE OLIVEIRA<sup>6</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – brunapereiraqb@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – polibrina@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas - kaa\_langmantel@hotmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – carolgomesa@hotmail.com*

<sup>5</sup>*Universidade Federal de Pelotas - silvana\_timm@hotmail.com*

<sup>6</sup>*Universidade Federal de Pelotas – mandagara@hotmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A gestação é um período onde ocorrem inúmeras mudanças físicas, psicológicas, familiares e sociais na vida da gestante. Além do desenvolvimento fetal, a gravidez proporciona um novo papel na vida desta mãe e o uso abusivo de drogas durante o período gestacional pode trazer consequências físicas e comportamentais, tanto para a mãe quanto para a criança (ABRAHAM; HESS, 2016).

De acordo com Ronzani (2014), nos diz que, geralmente a pessoa usuária de drogas pode ser alvo e isso é uma das principais razões para o déficit no cuidado de sua saúde. Este preconceito faz com que as pessoas que utilizam drogas sejam encaradas na sociedade como perigosos, violentos e o único responsável por seus problemas, sendo isso derivado de uma sociedade que não enxerga os uso de drogas como doença e sim como desvio de caráter, acarretando na dificuldade ao acesso de serviços de saúde.

A justificativa para a realização deste estudo parte do entendimento que estigmas e preconceitos ainda circundam o acesso e o cuidado de enfermagem a este população específica, desta forma, este estudo teve como objetivo de compreender a percepção de uma equipe de enfermagem acerca do preconceito e estigma a mães usuárias de drogas em uma unidade de maternidade.

### 2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório de abordagem qualitativa, oriundo de trabalho de conclusão de curso da graduação da Faculdade de Enfermagem na UFPel.

Este foi realizado na unidade materno infantil de um hospitalescola, situado em um município do interior do estado do Rio Grande do Sul por uma acadêmica de enfermagem, atualmente enfermeira. Participaram do estudo 13 profissionais de enfermagem, entre eles 3 enfermeiros e 130 técnicos em enfermagem que já prestaram algum tipo de cuidado à recém-nascidos filhos de usuárias de drogas numa unidade materno infantil.

A coleta de dados foi realizada no mês de janeiro de 2018 por meio de entrevistas semi-estruturadas, posteriormente transcritas.

Este estudo respeitou os aspectos éticos conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012) e o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem (COFEN, 1993) sendo aprovado pelo Comitê de Ética

em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da UFPel sob o parecer de número 2.446.556.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados, foi possível compreender a percepção de alguns profissionais que cumpunham a equipe de enfermagem do local estudado. Foram identificadas formas variadas de como o preconceito se faz presente na unidade estudada, bem como a presença de profissionais que desempenham suas condutas de enfermagem de forma ética, sendo os relatos apresentados a seguir.

Nestas primeiras falas, é possível observar a presença ativa e frequente de estigma e preconceito de outras mães durante a sua passagem pela maternidade. Estas mulheres, para parirem seus filhos, enfrentam preconceito de várias formas: através de comentários, de olhares, de tratamento diferente tanto por algumas pessoas que estão na enfermaria conjunta, bem como por alguns membros da própria equipe de enfermagem como seguem as falas:

“As nossas enfermarias são conjuntas, muitas mães internam e sofrem com a abstinência, então eu noto um certo preconceito por parte das outras pacientes e familiares das outras pacientes e até próprios familiares das usuárias... Eu já tive experiência de pacientes que queriam sair do quarto porque não gostariam de ficar em alojamento conjunto com aquela paciente que era usuária. Ela já chega aqui taxada ‘oh, é drogada’” (ARIEL)

“Ah, eu acho que sofre, até na própria enfermaria mesmo, quando elas estão em surto assim, de gritar, de querer ir embora, de querer ter alta, as outras mães criticam muito porque querem levar o bebê mesmo sem ter alta...” (CINDERELA).

“...mesmo sendo da área, tem pessoas que não veem isso como um vício, como uma doença, porque tem muita gente que diz assim: ‘a mãe é drogadita, mas se ela quisesse ela parava’, umas coisas assim...” (MULAN).

“...os bichinhos não pedem para vir ao mundo, então, a gente automaticamente julga porque a responsabilidade é delas, de chegar a esse ponto, de não querer optar em ter uma gestação saudável e usar drogas” (MERIDA).

Para Maia, Pereira e Menezes (2015), o cuidado da gestante usuária de drogas, seja ela qual for, exige um olhar mais atento, e um dos maiores obstáculos para este cuidado é o preconceito, que se multiplica quando a mesma é gestante. Para esta autora, o estigma dificulta o pedido de ajuda destas mães, influenciando de forma negativa no relacionamento entre usuária e serviços de saúde culminando na não realização de cuidados como o pré-natal e quando realizam, muitas vezes não referem o uso de drogas no momento das consultas. Porém, este período é bastante propício para sensibilizar as gestantes no sentido de convencê-las a aderir um tratamento, destacando a equipe de saúde como na capacidade de conseguir, inclusive, uma abstinência completa (LUFT, 2018).

“Elas sofrem preconceito da sociedade porque são mulheres e se drogam. Se é mulher, se droga e está grávida, aí piorou. Com quantos foi? Ah, ela nem sabe quem é o pai... Da enfermagem em si ou dos médicos eu vejo comentários preconceituosos e eu acho errado, porque é uma doença” (MULAN).

"Ah, claro que sofrem, é aquele preconceito velado, que a pessoa fala assim 'ah tá vendo? Fumou a gestação inteira', 'ah aquela mãe não amamenta', 'ah tão novinha já está toda drogada, toda desse jeito'... tu não sabes qual é o histórico daquela mulher,são comentários que partem inclusive de dentro da família, dos próprios usuários, quanto da sociedade, quanto das pessoas daquele hospital. Não é porque a gente é equipe de saúde que a gente não tem os nossos preconceitos, não tem as nossas crenças, porque a gente é pessoa. Então por mais que a gente fale assim 'ah eu vou deixar fora disso, eu sou profissional' não tem como, vem embutido isso, tem que ir trabalhando com o tempo..." (ANNA).

A fala anterior mostra que os profissionais da saúde reconhecem que o preconceito se estabelece de forma mais veemente em mulheres e especificamente naquelas que são mães USUÁRIAS DE DROGAS. Entretanto, outros entrevistados refletiram sobre a necessidade de ampliar a rede de cuidado no sentido de repensar a prática professional.

De acordo com Luft (2018), é urgente a necessidade de compreender que o uso de drogas não é só uma escolha e precisa ser encarado como um fenômeno humano e que a mulher mãe que faz uso, independente do seu modo, merece respeito. A autora destaca a necessidade de olhar esta mãe não associando-a à marginalização e irresponsabilidade, pois atitudes como essas afastam esta mãe e este bebê do serviço de saúde, dificultando o acompanhamento daquela criança que passou por uma gestação de risco, bem como desta mãe, visto que o preconceito pode se tornar mais uma barreira entre o usuário e o serviço de saúde.

Faz-se necessário que o pensamento de que mulheres que usam drogas não se importam com os filhos, que essas não têm capacidade de se responsabilizar por outro ser, de cuidar, de criar e amar seus filhos seja combatido. A autora também destaca que a maternidade tem papel primordial na diminuição e até mesmo no cessamento do uso de drogas (CAMARGO ,2014).

Medeiros (2015) ressalta a importância de um olhar além da estigmatização desta usuária de droga e a necessidade de enxergar esta mulher antes mesmo do papel de mãe, como uma mulher que deve ter seus direitos respeitados assim como ter acesso a um tratamento adequado.

Como pode ser visto nas falas a seguir, existe sim, por muitos profissionais, o reconhecimento da necessidade do tratamento adequado à essas usuárias do serviço, ou seja, esses profissionais têm consciência do preconceito como parte integrante da sociedade e do campo da saúde, porém tentam desenvolver suas atividades de forma ética e respeitosa.

"Eu não diferencio paciente, não pela drogadição, eu acho que o preconceito está muito nele, na família, a gente tem que atuar com todos os pacientes da mesma forma, uns dão mais trabalho, outros menos" (JASMINE).

"...sofrem com certeza, eu acho que em primeiro lugar pela sociedade onde elas estão, antes delas chegarem aqui já sofreram algum preconceito e por nós também, porque a gente fica 'ah ela é usuária', mas a gente não pensa o que levou ela a usar..." (ELZA).

Observa-se também uma reflexão acerca da ética profissional no que se refere a prerrogativa do cuidado a pessoa independente de sua situação. Todos que participaram desta coleta de dados, realizaram comentários de autocritica, no qual este reconhecimento torna-se importante como uma amplitude em seus

conhecimentos e um incentivo a tornar seu cuidado com estas usuárias o mais integral e livre de preconceito possível.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir dos dados pode-se perceber a necessidade de repensar a forma de abordagem à mulheres mães usuárias de drogas para que o acompanhamento tanto dela quanto do bebê não sejam prejudicados devido ao estigma e preconceito sofrido por ela durante seu período de internação.

Não cabe aos profissionais de saúde julgar seus pacientes, apresentando como desafio o desenvolvimento de ações de cuidado baseados em seus conhecimentos científicos da melhor forma possível, fornecendo informações e mostrando-se empático com a situação destas mulheres.

Desta forma, tais condutas teriam o potencial de aproximar esta mãe dos serviços de saúde, bem como, facilitaria a prestação de cuidados de forma mais integral, tendo o diálogo um papel de destaque na veracidade das falas destas mães e no fortalecimento do vínculo criado com o profissional, o que facilitará muito no planejamento dos cuidados para esta população.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, C. F.; HESS, A. R. B. Efeitos do uso do Crack Sobre o feto e o Recém-nascido: Um Estudo de Revisão. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 8, n. 1, p. 38-51, 2016.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466/2012. Brasília, 2012 Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso 9 set 2018.
- CAMARGO P.O. A visão da mulher usuária de cocaína/ crack sobre a experiência da maternidade: vivencia mãe e filho. Pelotas, 2014. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2014.
- CERQUEIRA, G. L. C. Fatores de Influência de substâncias psicoativas no organismo. Nassau: Brasil, 2015. 344-356 p. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0920.pdf>
- COFEN - Conselho Federal de Enfermagem. Código de ética dos profissionais de enfermagem. Rio de Janeiro, 1993. Disponível em <<http://pnass.datasus.gov.br/documentos/normas/109.pdf>> Acesso 9 set 2018.
- LUFT, C.F; **Cuidados de enfermagem aos recém-nascidos filhos de mães usuárias de drogas**. Pelotas, 2018.Trabalho de conclusão de curso. Graduação em Enfermagem – Faculdade de Enfermagem.
- MEDEIROS, K.T. MACIEL, S.E.; SOUZA, P.F.; SOUZA, F.M.T.; DIAS, C.C.V. Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. Psicol. Estud. Vol. 18 n. 2, Maringá, 2013.
- PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2<sup>a</sup> ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5bb1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso 03 ago 2017.
- RONZANI, T.M., NOTO, A.R.; SILVEIRA, P.S.; CASELA, A.L.M.; ANDRADE, B.A.B.B.; MONTEIRO, E.P.; FREITAS, J.V.T. Reduzindo o estigma entre usuários de drogas: guia para profissionais e gestores – Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014. 24p.